

INTELIGENCIA EMOCIONAL, INTRAPESSOAL E INTERPESSOAL E FORMAÇÃO DA RESILIÊNCIA

Mara Rúbia de Oliveira¹

RESUMO: O presente artigo apresenta subsídios teóricos para a compreensão da resiliência como estratégia de enfrentamento da complexidade do mundo globalizado, para assegurar que se tenha sucesso na escola e na vida. Há que se prever que o contexto de muitos alunos envolve exclusão, pobreza, desigualdade social, falta de afetividade e apoio, desestruturação familiar, entre outros obstáculos. Contudo, um contexto de dificuldades não impõe limites predeterminados para aqueles que usam da inteligência emocional e competências de relacionamento pessoal para avançar no jogo da vida.

Palavras-Chave: Educação. Obstáculos. Inteligência emocional. Sucesso.

ABSTRACT: This article presents theoretical support for the understanding of resilience as a strategy to cope with the complexity of the globalized world, to ensure success in school. It must be foreseen that the context of many students involves exclusion, poverty, social inequality, lack of affection and support, family restructuring among other obstacles. However, a context of difficulties imposes no predetermined limits on those who use emotional intelligence and personal relationship skills to advance in the game of life.

Key words: Education. Obstacles. Emotional intelligence. Success.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da inteligência emocional e interpessoal como estratégia para desenvolver resiliência. É um tema pouco explorado, mas é importante para as relações professor-aluno, aluno-aluno e também para as relações dentro da família e com a comunidade.

Lança-se a seguinte pergunta: como desenvolver resiliência por meio do uso da inteligência emocional e construção de relações interpessoais construtivas?

A hipótese a ser testada é que a inteligência emocional pode ser definida como a capacidade de usar emoções de forma inteligente e apropriada em diferentes situações. As pessoas emocionalmente inteligentes são capazes de reconhecer e compreender com precisão a emoção, tanto em si mesmas como em outras pessoas, para expressar adequadamente a emoção e para poder controlar suas próprias emoções para facilitar seu

¹ Professora de filosofia na Escola Estadual Professora Ana Cândida de Barros Molina, 1º, 2º e 3º ano do ensino médio regular e EJA. omaraRubia@gmail.com.

próprio crescimento emocional, intelectual e espiritual. Em suma, as pessoas emocionalmente inteligentes usam intencionalmente seu pensamento e comportamento para guiar suas emoções ao invés de deixar suas emoções ditarem seu pensamento e comportamento. As pessoas que são emocionalmente inteligentes também tendem a ser emocionalmente resistentes.

O objetivo foi articular inteligência emocional e habilidades interpessoais como estratégia de desenvolvimento da resiliência nos alunos para serem perseverantes.

A pesquisa se justifica pelo fato de que ao se conhecer os pressupostos das competências humanas amplia as possibilidades de praticar um ensino de qualidade, em que a formação do aluno seja integral, para a vida e democrática.

O presente trabalho tem como metodologia a pesquisa bibliográfica.

RESILIÊNCIA

Conforme Tavares (2008), nas escolas de hoje, o foco não é apenas ajudar os alunos a passarem nos exames, mas também a melhorar seu caráter, tornando-os mais resistentes. A resiliência na aprendizagem, como na vida, é sobre ser capaz de perseverar diante de contratempos, assumir desafios e arriscar-se a cometer erros para alcançar um objetivo.

Estudos mostram que a resiliência tem uma influência positiva no desempenho acadêmico dos alunos, bem como no seu bem-estar social e emocional (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006).

Para Assis, Pesce e Avanci (2006) não é sempre claro, no entanto, como desenvolver estudantes mais resilientes. Acredita-se que existem três áreas principais para se concentrar: a competência de uma criança, sua tolerância a erros e sua capacidade de estabelecer metas. Esses componentes ajudam os jovens a manter o esforço mesmo quando um desafio parece muito difícil.

Não é incomum que os alunos venham à sala de aula com experiências passadas que os deixaram sentindo que não podem avançar quando uma tarefa é difícil. O professor pode ajudá-los a superar essa mentalidade trabalhando sua confiança por meio de experiências que desenvolvem suas competências (FLACH, 2001).

Ainda segundo Flach (2001), se pode mostrar aos alunos que algumas coisas, que parecem impossíveis ou muito confusas no início, podem ser divididas em partes

fáceis de entender, como se fosse um relógio quebrado e que quando desmontado torna-se mais compreensível o problema.

Quando se incorpora oportunidades para que os alunos experimentem erros como uma parte esperada da aprendizagem, se constrói sua resiliência a contratempos. Através de discussões em aula, seus próprios erros e da construção do conhecimento dos alunos sobre a programação do cérebro, os alunos ganharão competência, otimismo e compreensão para perseverar – e até mesmo progredir – diante do fracasso (TAVARES, 2008).

Flach (2001) argumenta que ao trabalhar a resiliência dos alunos, se pode ajudá-los a perceber que, quando se envolvem com confiança em um desafio, tudo é possível e o fracasso não é algo a temer. Isso é de vital importância. Afinal, não é o que os alunos sabem, mas o que eles podem fazer com o que sabem, esse é o objetivo da educação.

A resiliência vem das crenças e atitudes das crianças sobre si mesmas e o que acontece com elas. Felizmente, esses fatores internos - humor, direção interna, otimismo e flexibilidade - são características que se pode construir ou fortalecer.

Uma coisa que não se deve fazer é proteger as crianças de frustrações diárias. Elas precisam experimentar fracassos e desafios todos os dias. São as crianças que nunca se sentem frustradas (ou que sofrem de estresse excessivo) que são vulneráveis mais tarde (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006).

Conforme Assis, Pesce e Avanci (2006), os relacionamentos são fundamentais para a resiliência, e não é a quantidade, mas a qualidade que conta. Além dos benefícios emocionais, a melhor maneira de aprender a lidar com os estresses menores é fazê-lo por meio do relacionamento com pares, professores, familiares.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Goleman (2012), com base em Gardner, aborda inteligências racionais e inteligências emocionais. Essa maneira de falar precisa ser bem entendida. Pode induzir ao erro de entender razão e emoção como coisas opostas e excludentes. Não é este, absolutamente, o caso. As inteligências são múltiplas e autônomas, mas não devem ser consideradas como desvinculadas umas das outras e sim como parcialmente complementares e sobrepostas.

Os estudos feitos principalmente pela psicologia nos últimos anos nos mostram com base científica que a inteligência humana não se restringe como se pensava anteriormente no séc. XIX, a inteligência linguística (verbal) e a lógica matemática. Os testes tradicionais de inteligência exploram basicamente estas inteligências (GOLEMAN, 2012).

Hoje o modelo das Inteligências Múltiplas está em destaque, evidenciando os principais tipos de inteligências; possui-se ainda inteligência corporal cenestésica, musical, naturalista, espacial, inteligência emocional, inteligência sobre a própria pessoa (inteligência intrapessoal), inteligência sobre as outras pessoas (inteligência interpessoal) e inteligência existencial que consiste na propensão para postular questões sobre vida, morte e realidades supremas (GARDNER, 2007).

Ninguém pode agir inteligentemente sem sentir e compreender a um só tempo. Se houver interesse em enfatizar emocionalidade subjacente a todo o processo, seguramente se diria que o termo “emocional” é o mais adequado ao conjunto das atividades inteligentes. A inteligência não deve ser identificada pura e simplesmente com o seu lado “racional” (GOLEMAN, 2012).

Um tipo de inteligência para Gardner (2007) é a linguística, que implica a habilidade de comunicação e de compreensão linguística, sem as quais é impossível o intercâmbio entre as pessoas. A inteligência intrapessoal, outra inteligência de Gardner, equivale à capacidade do autoconhecimento, da aceitação e da comunicação consigo mesmo. Inclui, em especial, o acesso tranquilo e realista aos próprios sentimentos e a capacidade de colhê-los em seu nascedouro, de discerni-los e usá-los na orientação do comportamento. É uma capacidade de formar um modelo preciso, verídico, de si mesmo e poder usá-lo para agir eficazmente na vida.

Os recentes avanços das ciências da mente e comportamento (psiquiatria, psicologia, neurofisiologia) têm demonstrado a importância das emoções nos processos decisórios e no desempenho profissional dos indivíduos ou grupos. No entanto a falta de aptidão emocional dos indivíduos pode gerar uma série de dificuldades pessoais, familiares, de interação social e no trabalho. Em face destes desenvolvimentos, as pessoas têm tomado consciência da importância de suas aptidões emocionais para o seu bom desempenho pessoal e profissional (CARUSO; SALOVEY, 2007).

Johann (2013) argumenta que na perspectiva da inteligência emocional e no contexto profissional atual, as pessoas estão inseridas num perfil de polivalência, em

que se destacam qualidades, como pró-atividade, flexibilidade, responsabilidade, bom senso, iniciativa, postura, dinamismo, bem como competência nas relações interpessoais. Neste sentido, a competência nas relações interpessoais torna-se um requisito importante para todos os profissionais, seja aquele que atende o público externo ou aquele que se comunica intensamente no ambiente interno em que trabalha. A educação não formal na empresa pode servir para promover o desenvolvimento interpessoal dos profissionais no próprio local de trabalho.

Entende-se como inteligência emocional a capacidade de entender os sentimentos, tantos seus quanto dos outros, e de lidar com eles, de maneira saudável e construtiva.

O mundo global e a era atual exigem de nós habilidades de convivência social, seja presencial ou virtual. Cooperar significa gerar os resultados que você quer obter por intermédio do coletivo; manter o seu emprego; incluir o outro e se incluir; significa concessão e ganho, bem como trabalhar em equipe. A competição e a cooperação sempre andaram juntas (BURBRIDGE e BURBRIDGE 2012, p.14).

Desta forma, precisa-se encontrar a forma de como conciliar essas duas questões “Gestão de Conflitos e Inteligência Emocional” que podem levar ao sucesso ou ao fracasso. Depende da forma como serão usadas.

Na junção da gestão de conflitos e inteligência emocional, argumenta-se que a inteligência intrapessoal está ligada ao conhecimento que o indivíduo faz de seus próprios sentimentos, seus pontos fortes, debilidades, impulsos. A inteligência interpessoal olha para fora em direção ao comportamento e sentimento dos outros. A inteligência intrapessoal permite que se detectem sentimentos altamente complexos e diferenciados, vai além da capacidade de distinguir um sentimento de dor ou prazer. Os relacionamentos com os outros indivíduos e com o meio são importantes para o indivíduo progredir e se conhecer (BERG, 2012).

O aprendizado não pode ocorrer de forma distante dos sentimentos das crianças. Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto à matemática e à leitura. O resultado precisa ser seres humanos decentes, formadores do futuro da sociedade. A escola tem que assumir que a competência cognitiva humana é melhor descrita em termos de um conjunto de capacidades, talentos e habilidades mentais que são chamadas de “inteligências”. Todos os indivíduos normais possuem várias inteligências, que diferem no grau de capacidade e na natureza de sua combinação (ANTUNES, 2007).

Antunes (2007) destaca as inteligências intrapessoal e interpessoal. A primeira está baseada na capacidade de compreender a si mesmo, dominar sentimentos com facilidade, ter ideia clara das próprias capacidades e de limites, a segunda é composta por características que determinam o modo em que se relaciona com os outros (empatia, habilidades sociais).

Como seres humanos, todos têm um repertório de capacidades para resolver diferentes tipos de problemas. Uma ação eficaz é começar com os problemas que os seres humanos resolvem e depois examinar as “inteligências” que devem ser responsáveis por isso. Um indivíduo pode não ser especialmente bem-dotado em qualquer uma das inteligências; e, contudo, em virtude de uma determinada combinação ou mistura das capacidades, ele talvez consiga ocupar alguma posição singularmente bem. Assim, é de suprema importância avaliar a combinação particular de capacidades que pode destinar o indivíduo para uma determinada posição vocacional ou ocupação (DAMASIO, 2006).

Ao se falar em tipos de inteligências, cabe enfatizar a inteligência emocional. Goleman (2012) enfatiza que todos os seres humanos são dotados geneticamente de uma série de pontos-chave que determinam seu temperamento, mas os circuitos cerebrais envolvidos são mais maleáveis. A infância e a adolescência são janelas críticas de oportunidades para determinar os hábitos emocionais básicos que governarão as vidas das pessoas.

Na *Ética a Nicômano* – inquirição filosófica de Aristóteles sobre a virtude, caráter e uma vida justa, seu desafio é controlar a vida emocional com inteligência. Paixões, quando bem exercidas, têm sabedoria, orientam o pensamento, os valores, a sobrevivência. Mas pode-se facilmente errar e se erra com frequência. O problema não está na emocionalidade, mas na adequação da emoção e sua manifestação (GARDNER, 2004).

Todas as emoções são, em essência, impulsos, legados pela evolução, para uma ação imediata, para planejamentos instantâneos que visam lidar com a vida. No repertório emocional, cada emoção desempenha uma função específica, como revelam suas distintas assinaturas biológicas (GARDNER, 2006).

Damasio (2006) explica que na raiva, o sangue flui para as mãos, tornando mais fácil sacar da arma ou golpear o inimigo; os batimentos cardíacos aceleram-se e uma

onda de hormônios, e adrenalina entre outros, gera uma pulsação, energia suficientemente forte para uma atuação vigorosa.

A sensação de felicidade causa uma das principais alterações biológicas. A atividade do centro cerebral é incrementada, o que inibe sentimentos negativos e favorece o aumento da energia existente, silenciando aqueles que geram pensamentos de preocupação (DAMÁSIO, 2006).

O amor, os sentimentos de afeição e a satisfação sexual, implicam estimulação parassimpática, o que se constitui no oposto fisiológico que mobiliza para “lutar-ou-fugir” que ocorre quando o sentimento é de medo ou ira. O padrão chamado de “resposta de relaxamento” é um conjunto de reações que percorre todo o corpo, provocando um estado geral de calma e satisfação, facilitando a cooperatividade (ANTUNES, 2007).

Uma das principais funções da tristeza é a de propiciar um ajustamento a uma grande perda, como a morte de alguém ou uma decepção significativa. Essas tendências biológicas para agir são mais moldadas pela experiência de cada ser humano e pela cultura. Enquanto, no passado distante, a raiva instantânea funcionava como arma decisiva para garantir a sobrevivência, a eventual disponibilidade de uma arma para um garoto de treze anos pode resultar numa catástrofe (GOLEMAN, 2012).

Na verdade, para Goleman (2012) as pessoas têm duas mentes – a que raciocina e a que pensa. A mente racional é o modo de compreensão de que em geral, tem-se consciência: é mais atenta e capaz de ponderar e refletir. E há também outro sistema de conhecimento que é impulsivo e poderoso, embora às vezes ilógicas – a mente emocional. Essas duas mentes, na maior parte operam em estreita harmonia, entrelaçando seus modos de conhecimento para que haja orientação no mundo.

Em geral, há um equilíbrio entre as duas mentes, com a emoção alimentando e informando as operações da mente racional e a mente racional refinando e, às vezes, vetando a entrada das emoções. A mente emocional é muito mais rápida que a mente racional, agindo irrefletidamente, sem parar para pensar. Essa rapidez exclui a reflexão deliberada, analítica, que caracteriza a mente racional (GOLEMAN, 2012).

Conforme Assis, Pesce e Avanci (2006), é preciso haver educação emocional, ou seja, a aplicação sistemática de um conjunto de técnicas psicopedagógicas que visam desenvolver as cinco aptidões emocionais básicas:

- a) Capacidade de reconhecer os próprios sentimentos, pois se não for capaz de avaliar a qualidade e intensidade dos próprios sentimentos o indivíduo não poderá definir até que ponto esses sentimentos o estão influenciando e as pessoas que o cercam;
- b) Capacidade de empatia, que é a capacidade de sentir como o outro, de perceber emoções do outro como se estivesse no lugar dele. Ter essa capacidade é fundamental para estabelecer relacionamentos bem sucedidos seja na família ou no trabalho;
- c) Capacidade de controlar as próprias emoções, que significa ser capaz de expressar adequadamente o que está sentindo, evitando expressões emocionais ofensivas e improdutivas, além de ser capaz de adiar a expressão das mesmas até um momento propício. Isto é diferente de conter e simplesmente reprimir, suprimir ou engolir emoções;
- d) Capacidade de remediar danos emocionais, ou seja, desenvolver a capacidade de reconhecer os próprios erros em relação aos outros e de reparar os danos que isso possa ter causado, ou seja, saber desculpar-se efetivamente;
- e) Capacidade de integração e interatividade, que é a habilidade de estar consciente do próprio estado emocional ao mesmo tempo em que se está em sintonia com o estado emocional daqueles que o cercam, e ser capaz de integrar-se eficazmente com eles.

O próximo capítulo aprofunda a compreensão sobre inteligência intrapessoal e interpessoal.

Gardner (2006), em sua obra *Mentes que Criam*, fala diz que é importante ressaltar a necessidade e a importância do criador de uma obra, de uma ideia, de uma nova proposta de vida, de uma revolução. São indivíduos que exemplificam uma específica força intelectual, talento ou inteligência. E eles se mantêm isolados da maioria, enquanto raciocinam e arquitetam suas investidas no corpo da sociedade, que se mantém passiva, submetida aos padrões da classe dominante.

Escrevendo sobre a genialidade de Sigmund Freud, Albert Einstein, Pablo Picasso, Igor Stravinsky, T. S. Eliot, Martha Graham e Mahatma Gandhi, Gardner (2006) afirma que esses grandes mestres da Era Moderna podem ser considerados marginais de várias maneiras. Trata-se de uma coisa que os grupos de parentes que

formam a rede familiar não permitem que ocorra com suas crianças, aniquilando talentos e trucidando destinos de homens e mulheres, possíveis candidatos a uma vida absolutamente liberta da mediocridade.

Quando Gardner (2004) discute em suas pesquisas o conceito de criatividade, apresenta a definição de um indivíduo criativo como uma pessoa que regularmente soluciona problemas, cria produtos ou define novas questões num domínio de uma maneira que inicialmente é considerada nova, mas que acaba sendo aceita num determinado ambiente cultural (p. 30-31).

O autor destaca que esta definição aponta algumas características que menos comumente são expostas nas pesquisas sobre a criatividade. A primeira dessas características é que uma pessoa pode ser criativa em um domínio e em outros não, isto é, a pessoa não é simplesmente criativa, e sim, criativa em certa atividade ou disciplina. A segunda é que existe uma regularidade nas manifestações criativas, as quais não costumam ser eventuais.

INTELIGÊNCIA INTRAPESSOAL E INTERPESSOAL

A inteligência intrapessoal está ligada ao conhecimento que o indivíduo faz de seus próprios sentimentos, seus pontos fortes, debilidades, impulsos. A inteligência interpessoal olha para fora em direção ao comportamento e sentimento dos outros. A inteligência intrapessoal permite que se detecte sentimentos altamente complexos e diferenciados, vai além da capacidade de distinguir um sentimento de dor ou prazer. Os relacionamentos com os outros indivíduos e com o meio são importantes para o indivíduo progredir e conhecer-se (GOLEMAN, 2012).

Conforme Gardner (2007), Willian James disse a famosa frase: “Um homem tem tantos seus sociais quanto há indivíduos que o reconheçam e têm uma imagem dele em sua mente”. O meio que cerca os grupos de indivíduos, tipos de cultura, seus símbolos influem nas inteligências pessoais (intrapessoal e interpessoal). O que poderia ser patológico em um cenário pode ser normal em outro. Os padrões de falhas nas inteligências pessoais vêm a ser muito mais variados do que em outros tipos de inteligência. No curso do desenvolvimento do indivíduo as inteligências intrapessoal e interpessoal estão misturadas intimamente, em qualquer cultura uma não se desenvolve sem a outra.

Exemplos de formas altamente desenvolvidas de inteligência interpessoal são apresentadas por líderes políticos e religiosos, pais e professores, pessoas idosas com grande vivência que sabem transmitir suas experiências (GARDNER, 2004).

Nos animais infra-humanos como gatos, chimpanzés e macacos são possíveis detectar certas emoções; principalmente nos primatas são notadas expressões faciais, gestos, vocalizações que possam estar ligadas a sentimentos internos reais. A remoção do córtex pré-frontal em primatas jovens causou diminuição da comunicação facial e vocal, alteração na agressividade e nos padrões de higiene, menor participação em atividades de brincadeira, hiperatividade sem meta (GARDNER, 2007).

Quando a área do córtex pré-frontal é apenas lesionada, os animais operados também apresentam falhas para reincorporar-se ao grupo, ocorre diminuição das expressões faciais, gestos e vocalizações. Os macacos que tiveram dano nas áreas temporais anterior ao córtex tenderam a apresentar comportamento agressivo inadequado. Estas experiências sugerem que organismos infra-humanos podem interiorizar e expressar certas emoções. Nos seres humanos tudo indica que os lóbulos frontais sejam da maior importância para a inteligência pessoal (GARDNER, 2006).

Para Gardner (2004), defeitos ou lesões nos lóbulos frontais causam patologias de conhecimento intrapessoal e interpessoal, acarretam severos danos em suas personalidades, porém nos testes padrão de inteligência esses indivíduos podem ser considerados normais. Dependendo da área lesada nos lóbulos frontais, a síndrome apresentada pode ser diferente. Como lesões na área orbitais (inferior) dos lóbulos frontais conduzem a hiperatividade, euforia, despreocupação, irritabilidade. Quando as lesões ocorrem nas regiões superiores dos lóbulos frontais (na convexidade), conduz a indiferença, desatenção, apatia, lentidão, uma personalidade depressiva (em oposição a psicopata).

Trabalhos clínicos e experimentos realizados por Damasio (2006) com doentes neurológicos que apresentavam lesões nos lóbulos pré-frontais e outras, mostraram que doentes cujos sentimentos estavam diminuídos poderiam ser considerados normais levando-se em conta os testes de inteligência tradicionais, porém apresentavam inteligência pessoal comprometida. Para Damasio as emoções, sentimentos, e regulação biológica são responsáveis pela razão humana, existe interligação entre cérebro e corpo. Apesar de podermos comparar determinadas situações e tipos de emoções, a experiência pessoal é única, personaliza o processo para cada indivíduo.

Damasio (2006) acredita ainda que os sistemas educacionais poderiam ser melhorados, a exposição excessiva das crianças à violência na vida real, nos noticiários e na ficção audiovisual desvirtua o valor das emoções na aquisição e desenvolvimento de comportamentos sociais adaptativos. O fato de tanta violência gratuita ser apresentada sem um enquadramento moral só reforça sua ação dessensibilizadora.

Segundo Goleman (2012), deveria ser introduzido nas escolas um programa de aprendizagem que além das disciplinas tradicionais incluía ensinamentos sobre alfabetização emocional, para desenvolver a inteligência emocional, isto melhoraria as competências intrapessoais e interpessoais. O controle das emoções é fator importante para o desenvolvimento da inteligência, temperamento não é destino, embora haja pontos que o determine, muitos dos circuitos cerebrais são maleáveis. Poder controlar impulsos cerebrais, interpretar sentimentos dos outros, lidar tranquilamente com relacionamentos é importante; o equilíbrio emocional preserva nossa saúde e bem estar.

A infância e adolescência são ótimas oportunidades para determinar os hábitos emocionais básicos que irão governar nossas vidas. Atualmente existe uma geração infantil mais sujeita a perturbações emocionais que gerações anteriores. Seria importante dar as crianças rudimentos de inteligência emocional, com temas, como: autoconsciência, autocontrole, empatia, saber ouvir, resolver conflitos, cooperar, equilibrar a razão; procurar levar inteligência às nossas emoções, civilidade às nossas ruas e envolvimento a nossa vida comunitária (GOLEMAN, 2012).

Pesquisas feitas com relação aos testes de inteligência tradicionais de acordo com Goleman (2012) mostram que indivíduos com QIs elevados não têm necessariamente um futuro promissor e também não estão satisfeitos com a vida, nem mais felizes em seus relacionamentos em comparação com outros colegas que, à época obtiveram *score* mais baixo, nada de significativo os distinguia dos demais.

Tudo indica que pessoas emocionalmente competentes – que conhecem e lidam bem com os próprios sentimentos (competência intrapessoal), que levam em consideração os sentimentos dos outros (competência interpessoal), levam vantagem em qualquer setor da vida, são mais eficientes e satisfeitas (ANTUNES, 2007).

Ainda segundo Antunes (2007), indivíduos que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam a capacidade de concentração no trabalho e de lucidez de pensamento.

A incapacidade de perceber os sentimentos de acordo com Goleman (2012) dos outros significa que existe um grande déficit de inteligência emocional, todo relacionamento, que é raiz do envolvimento, vem de uma sintonia emocional, da capacidade de empatia.

A empatia é a capacidade de saber como o outro se sente, é muito importante em muitos aspectos da vida, quer nas práticas comerciais, na administração, na política, no namoro, na paternidade, no sermos solidários. Nota-se falta de empatia acentuada em criminosos psicopatas, estupradores e molestadores de crianças (GARDNER, 2004).

Estudos e pesquisas indicam que as origens da empatia podem ser identificadas já na infância, os bebês desde que nascem ficam perturbados quando ouvem o outro bebê chorando. Bebês choram quando o outro está chorando como se o incômodo estivesse acontecendo neles próprios, em torno de um ano começam a compreender que o sofrimento é do outro (GARDNER, 2007).

Conforme Gardner (2006), crianças que sofrem abusos (humilhação, ameaças, maldades) tornam-se hiperatentas para as emoções daqueles que a cercam, têm uma preocupação obsessiva com os sentimentos dos outros; muitas na idade adulta podem apresentar graves distúrbios de personalidade.

Gardner (2004) diz que todos que enfrentaram o desafio de educar poderiam atingir mais estudantes e afetá-los de um modo mais profundo através da ativação de suas múltiplas inteligências. É importante que sejam bem informados sobre a vasta gama de cultura. Os conceitos verdadeiro / falso, belo / feio, bom / mau devem ser colocados de acordo com a época e a cultura; não tentar uniformizar os indivíduos em rígidas padronizações, procurar conciliar pontos de vistas conflitantes.

Pode-se não concordar com a moralidade do Islã fundamental ou com as verdades do Concílio Vaticano. Mas vive-se num mundo onde essas preferências existem, é necessário e conveniente conviver com elas – e elas com as pessoas.

Que a educação seja na medida do possível individualizada, buscando alicerce no verdadeiro, belo e bom de cada cultura e das demais culturas, buscando informações sobre os ideais de outras comunidades (DAMASIO, 2006).

Não basta saber ler, escrever, resolver problemas, desejam-se pessoas que sejam admiráveis pelo seu caráter, além de pensadores e criadores. Existem indivíduos considerados inteligentes sem ser moral, criativo sem ser ético, sensível a emoções sem usar essa sensibilidade a serviço de outros (GARDNER, 2006).

A arte de ensinar consiste em resistir a fórmulas. O professor deve assemelhar-se a um mestre orquestrador, que conserva toda a partitura em mente e ao mesmo tempo pode moldá-la aos requisitos de intérpretes específicos. Procurar equipar melhor os seres humanos para tirar o máximo de proveito das oportunidades que se encontram ao seu alcance e ajudar a criar novas oportunidades para aqueles que estão ao seu redor e que vêm de depois. A escola precisa trabalhar a alfabetização emocional, de acordo com Goleman (2012), pois, na última década, mais ou menos, proclamaram-se “guerras”, sucessivamente, à gravidez na adolescência, à evasão escolar, às drogas, e mais recentemente à violência.

O problema dessas campanhas, é que chegaram tarde demais, depois que o problema visado já atingiu proporções epidêmicas e deitou firmes raízes na vida dos jovens. São intervenções em crises, o equivalente a enviar ambulâncias para o resgate, em vez de dar uma vacina que afastasse a doença, antes dela começar (ANTUNES, 2007).

Em vez de mais “guerras” o que se precisa é seguir a lógica da prevenção, oferecendo às crianças aptidões para enfrentar a vida que aumentarão suas oportunidades de evitar todos esses destinos. É necessário que haja uma intervenção logo cedo, na vida dessas crianças, pois existem crianças que desde pequenas sofrem de fobia social e ao se aproximarem da vida adulta, tornam-se mais complicadas e acabam viciando-se em álcool e drogas e entram em depressão. Aí surge uma grande questão: que se poderia ter feito antes na vida dela para desviar toda essa espiral descendente? (GOLEMAN, 2012).

Na verdade não adianta criar Programas Educacionais para prevenir um ou outro problema específico como uso de drogas, violência, evasão escolar, sexo etc. O que precisa mesmo é reforçar tudo isso com informações básicas sobre cada assunto abordado com habilidades emocionais e sociais. Esses programas ensinam as crianças a encontrar meios de resolver conflitos interpessoais e intrapessoais de modo mais positivo, ter mais autoconfiança, não se culpar de alguma coisa que aconteceu, e a sentir que têm nos professores e pais uma rede de apoio a quem podem recorrer. E se alguma coisa má lhes acontecer, é muito mais provável que contém, que desabafem e que deixem os outros saberem dele. É necessário que professores se concentrem no tecido emocional da vida da criança, uma concentração decididamente ignorada em quase todas as salas de aula (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006).

Considerando o que se expôs até agora, pode-se dizer que o aprendizado não se dá isolado dos sentimentos das crianças. Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante para o aprendizado quanto à instrução em matemática e leitura.

A ciência do Eu é pioneira e o nome dessas aulas vai de “desenvolvimento social” a “aptidões para a vida” e “aprendizado social e emocional”; alguns se referem à ideia de “múltiplas inteligências” ou “inteligências pessoais” (GARDNER, 2007).

O fio comum é o objetivo de elevar o nível de competência social e emocional nas crianças como parte de sua educação regular. O movimento de alfabetização emocional vira pelo avesso a expressão “educação afetiva”; em vez de usar o afeto para educar, ensina o próprio afeto (GARDNER, 2004).

Esse novo caminho para levar a alfabetização emocional às escolas, torna as emoções e a vida social, matérias escolares em si, em vez de tratar essas facetas importantíssimas do dia-a-dia da criança como instruções irrelevantes, ou, quando levam a explosões, relegando-as a ocasionais visitas disciplinares ao gabinete do orientador ou do diretor (GARDNER, 2006).

As próprias classes a princípio podem parecer sem novidades, quanto mais ainda uma solução para os dramáticos problemas de que tratam. Mas isso é em grande parte por que, como a boa criação em casa, as lições transmitidas são pequenas, mas reveladoras, dadas regularmente e num constante período de anos (DAMASIO, 2006).

É assim que o aprendizado emocional avança; à medida que as experiências são repetidas e repetidas, o cérebro reflete-as como caminhos fortalecidos, hábitos neurais a aplicar em momentos de provação, frustração e dor. E embora a substância cotidiana das aulas de alfabetização emocional possa parecer banal, o resultado – seres humanos decentes – é mais crítico que nunca para o nosso futuro (ANTUNES, 2007).

Como a vida em família não mais proporciona, a um crescente número de crianças, uma base segura na vida, restam as escolas como o único lugar para as quais as comunidades podem recorrer em busca de corretivos para as deficiências da garotada em competência emocional e social. Isso não quer dizer que as escolas, sozinhas, possam substituir todas as instituições sociais que demasiadas vezes já estão ou se aproximam do colapso. Como toda criança praticamente vai à escola (pelo menos no início), ela oferece um lugar para chegar às crianças com lições básicas para viver que talvez elas não recebam nunca em outra parte (GOLEMAN, 2012, p. 23).

Alfabetização Emocional, para Goleman (2012) tem a ver com inteligência intra e interpessoal e implica um mandado ampliado para as escolas, entrando no lugar duas

grandes mudanças: que os professores vão além de sua missão tradicional, e que as pessoas na comunidade se envolvam mais com as escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as crianças brasileiras têm direito ao ensino e à educação; têm igualmente direito ainda mais fundamental de se tornarem pessoas integradas e felizes. A escola e os professores e professoras têm nos dias de hoje uma importante função integradora, mas a Educação Emocional possível nas escolas não é uma panaceia para todos os problemas das crianças, o amadurecimento humano afetivo da inteligência e da personalidade é apenas um aspecto por mais importante que possa ser.

A Educação Emocional depende não só de um ambiente escolar positivo e consciente, ela se relaciona a uma gama de fatores macrossociais que um educador nunca pode esquecer quando atua junto às crianças. Antes de tudo, existem as condições de vida dentro da família. As precárias condições da família em nosso país são um condicionador poderoso do êxito real da ação da escola, por isso não se deve embarcar em propostas pedagógicas alheias aos problemas econômicos sociais do povo.

Uma coisa, porém é certa sem uma escola renovada pela raiz, métodos, climas, funcionamento, condições de trabalho, espírito de equipe, consciência da missão, sem isso será seguramente impossível construir um Brasil melhor.

A escola é uma das chaves para um futuro mais feliz para o Brasil de amanhã. A educação Emocional entendida em seu sentido mais profundo pode ser argamassa da construção de uma escola Brasileira à altura dos desafios de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **A inteligência emocional na construção do eu**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ASSIS, S.G.; PESCE, R.P.; AVANCI, J.Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Artmed: Porto Alegre, 2006.

BERG, E.A. **Administração de conflitos**: abordagens práticas para o dia a dia. Curitiba: Juruá, 2012.

BURBRIDGE, A.; BURBRIDGE, M. **Gestão de conflitos**: desafios do mundo corporativo. São Paulo: Saraiva, 2012.

CARUSO, D.R.; SALOVEY, P. **Liderança com Inteligência Emocional**. Liderando e administrando com competência e eficiência. São Paulo: M. Books, 2007.

DAMASIO, A. R. **O Erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FLACH, F. **Resiliência**: a arte de ser flexível. São Paulo: Saraiva, 2001.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

_____. **Estrutura da Mente**: a teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

_____. **Mentes que Criam**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TAVARES, J. (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez. 2008.